

# Multidões virtuais

Maria Rita Kehl

*CartaCapital* 13.2.2025

**Sentido-se protegida pelo anonimato, a horda linchadora que povoa as redes sociais pode descer vários degraus na escala da civilização, como alertava Freud ao analisar o fenômeno das massas.**

No século dezesseis, mais precisamente em 1577, Étienne de La Boétie escreveu seu famoso (e ainda atualíssimo) “Discurso da servidão voluntária”. Ele se pergunta por que razão um povo se submete a um governante que o prejudica. Se o povo é mais numeroso do que a autoridade, incluindo todo seu exército, deve haver um desejo de servidão que move as pessoas a abrir mão de sua liberdade pelo “conforto” da servidão – e nesse ponto, me interessa precisamente a mais livre de todas as liberdades: a de expressão. La Boétie responde a sua própria pergunta dizendo que, entre outras coisas, os homens não lutam contra a tirania porque se habituaram a ela. Mas, acima disso, a servidão voluntária busca a proteção que o tirano (que ele nomeia como “O um”) oferece a quem lhe é fiel.

Vou pular quatro séculos aqui, até o dezenove, e imaginar uma aliança entre o pensamento de La Boétie ao do “incontornável (já usei esse termo na última coluna, perdão leitores) Sigmund Freud – no caso, refiro-me especificamente a um de seus textos mais contundentes e aparentemente premonitório, pois foi escrito entre 1929 e 1921, pouco mais de uma década antes da tomada do poder por Adolf Hitler, na Alemanha.

Freud começa seu *Psicologia das massas e análise do eu*. O ser humano é um “animal social”. Aquilo que ele chama de “psicologia coletiva” considera que o indivíduo tende a filiar-se (quando não tem um pertencimento de nascença) a “uma tribo, um povo, uma casta, uma classe social ou uma instituição”... constituindo o que ele chama de massa. O texto é longo e impossível de resumir nesse espaço, mas destaco duas características da massa, segundo Freud:

A massa protege o indivíduo de se medir com as consequências de seus atos. Ao participar de uma formação de massa, as pessoas sentem-se menos responsáveis (eticamente) pelo que fazem. Podem linchar, ferir, torturar, sem escrúpulos, incitados pela embriaguez de pertencer à massa.

“O simples fato de integrar uma multidão, o homem desce vários escalões na escala da civilização. Isolado, é um indivíduo culto (...) na multidão, é um bárbaro”. A massa, diz Freud, tem o efeito de afrouxar a censura do superego.

Isso pode ser muito bom quando atinge nossas “paixões alegres”, e perigoso quanto convoca as paixões tristes, ou furiosas.

Não há espaço para aprofundar o que escrevi acima. Mas penso que, no anonimato das redes, somos tentados a “descer vários escalões na escala da civilização”. É claro que escrevi essa coluna motivada por um “linchamento” dirigido a mim. Obrigada, Sigmund!